¬ prosopagnosia \

] alberte pagán {

galiza 2013

] alberte pagán {

¬ prosopagnosia \

galiza 2013

SEGUNDA EDIÇOM
REVISTA / CORRIGIDA
{formato digital}

janela no muro

Som noites as noites e som noites os dias
às toupinhadas. Kiitos. Agradeçam a
vista felina e os contos contados ao
pé dum lume que nom quenta mas queima
*que apaduma mas nom quenta>
entanto corcosemos retalhos de pálpebras.

Li um sëgg a tax génnam néew.
Som gentes as persoas a les palpentes
penumbra do universo amuralhado
perpianho a perpianho agradecidas
pola aquilina vista que nas tebras
lhes concedem pra atoutinhar sem que
os risos estrepitem, perfeitamente aviadas.
Mágoa que águias, khotso ausi, e felinos
na inteligência nom os acompanhem
das capas jodhpurianas moscas freáticas
e agnosias visuais, blizu e uzoq,
que ultrapassam muros e muralhas
como malku apodrecido

cum arrecendo a coiro de carpincho.

E as persoas da gente solicitam
a abertura de fiestra —amavelmente,
submissamente/
pra dar nota de cor aos dias que som noite
e a tanta alma abarracanhada
e a tanto ácio gorado;
para pôr um matiz avermelhado
a tanto karkadé* apenumbrado.
E as persoas e as gentes nom entendem
os atrancos, tam simples petiçom
rejeitada e ignorada e tam as quatro
menos cinco tam quimsa
na nossa faixa etária. *hibisco, papos
que nas ilhas de Kuna Yala comes>

As gentes dos fatelos bem nom sabem
que janela no muro nom é luz
só do além, nem visom: é entendimento
|| nom é entrada de cor senom saída
de miradas que anseiam horizontes.
As gentes dos fatelos e azacáns
ham volver-se persoas, intip shaplan,
e nom solicitar submissamente,
tampouco amavelmente exigirem
mas fazerem e]gàan-bpa-dti-wat{

*as gentes mesmas que já som persoas>
fazer umha janela ou trinta ou quantas
queiram d lemer lo ado de mekheh
e umha vez perdido o medo e umha vez
ou duas ou trinta e três feitas janelas
a gente que é persoa,
que som persoas, que som massa organizada,
descobrem o inútil de construírem
janelas na muralha de perpianhos,
no muro inútil. Gilotzav!
Assomada à janela a gente agente,
a umha das janelas, cusicuna,
a um pequeno burato que ainda no'é
janela descoberta, a penuge
rotineira, as saias esgaçadas,
descobrem o inútil muro em si
cuja única funçom era manter
as tebras, combater as janeladas.

As gentes reviradas
ponhem-se em fim a derrubar o muro.
Muitas delas cegárom, tanta luz.

este contrato que me esmorcela as unhas

Este contrato que me esmorcela as unhas
nom tem dias contados, profundezas
gástricas e cólones solidários.
Nom digo a verdade: som um home calado
; mas tu mentes, assador de manteigas
¬atiajados estamos\ e conceitos
intestinos e eu morro e tu nom morres.

Nom som quem de lembrar esta rotunda
assombrada de tráfico, infesta
de fumes e de cláxones no'a concebo
agora que caminho baixo a árvore
de *når?> chamas vermelhas. Sento a umha
das mesas que no meio do carril
invitam à conversa. Equimose.
Ndonjë të re? Viņi te ienāca.
Chapapote. Rewolucja. Illa didye.

A olhada molhada em cīnī ke sāth
dirige-me ao mogamma ocupado,

às tendas de campanha
deitadas sobre um golpe de beldros poeirentos,
aos corros de debate, aos vídeos de lembrança,
ao furgom policial ardido sobre o asfalto.
·Aqui estou, aqui estás: eu morro hoje.|

E alá, i-ye
*mais alá da kaa he he>
, grandes blocos de cimento
entre beijos repoludos e paixons estarricadas
cortam ruas do sul cortam governos
desde há dous mil anos e rodeiras
¬há dous anos mil rodeiras\
adubados com carros militares.

Após banhos de sangue, tanta dor,
derrocamos governo encarceramos
presidente e votamos governantes
novos que mantenhem reboludos
os blocos de cimento, as mil rodeiras,
medida cautelar. Água de pipa por
favor. Um raspado. Pojdite stran!

Tanto esterco esparegido.
Medo já nom ¬caro é o preço\,
já somos livres ¬eu morro hoje\
de tomar rua e praça,

de desviar o tráfico
do centro neurálgico da vila e
converter o asfalto em parque humano
por dous anos já e duas mil olhadas.

Nom temos medo e por isso
exército e polícia tenhem medo
e medo tenhem-nos além
dos grandes blocos de cimento,
nos bandulhos dos segréis
que remelam os olhos nos seus trajes
nocivos. Nociceptores nigérrimos.
Praça tomada, espaço liberado
de tráficos exércitos polícias.
Praça tomada sem medos nem retornos
apesar dos mercadores de
dentes pelados que especulam
cos sonhos e cos sangues revolucionários.

E assumimos pronomes e fumeiros
e se fomos quem de tomar e conquistar
a maior praça do país durante um ano
e outro ano e mais outro e os que venham
nom poderemos acaso cortar tráficos
navais e mastabas *ti ora ine na chullpa?>
e expulsar a polícia das cidades
e expulsar ao governo das cidades

e queimar-lhes as sedes aos partidos, des_
afiar toques de queda a peito espido
e assumir cem vitórias na derrota:
civil desobediência. *Ki leleyi?>
Baixo as intensas chamas
florestais bebo o cāy ensanguentado.
Duas garnachas campam pola praça
e retratam-se cheas
junto ao furgom fundido co asfalto.

Jsem velmi št'astný.
·Chora o sol noites pechas
e lembro e sei
¬mirando o lezer da gente
pola praça tomada
e sabendo-lhe sacar
rendimento aos mortos e às carenas\
que o governo
*este e qualquer outro>
cairá.| Priyatyen dyen!

|| Eu morro hoje, mas tu nom passas.

pouco importa o exílio

A viage é longa. Que seja longa a viage
rio arriba às fervenças, cataratas de ouro,
jorro de vida onde se perde a vida,
onde nace o amor. Avusheni.
Nom perdamos conversas no caminho
por apurar destinos. Renunciemos
ao destino empurrado se com isso
desfrutamos momentos cobertor.

Gustó mo ba dito? O rio é longo.
Que seja longo o rio
que já nom é. Akwara.
Ilustres governantes convertérom cadoiros
e abanqueiro de quinua e muña, ñuñu,
em gigantes encoros para gigante lago
polo bem da povoaçom.
Gamelam as carqueijas em silêncio
à espera da gaan-bpà-dtì-wát sonhada.

Pouco importa o exílio dos povos sulagados,

as terras inundadas, as casas, os carinhos,
as colheitas de vida, os jeitos mortos,
as culturas, amores, os sol-pores
e os falares perdidos para sempre,
o ladroíço, <ja ne razumjem*
monumentos e templos e pegadas
dos antergos. Pouco importa:
teremos energia pra naçom
toda inteira ¬garabulhos\
—pouco importa tenhamos que pagar-lhe-la//
, veremos regadios controlados,
nom teremos
catastróficas cheas, poderemos
cultivar as ribeiras todo o ano
sem caprichos climáticos, dependências
atmosféricas. És tam zouma!
Assi di o filantrópico governo
desde a sua velha ö elefantina.
Pouco importa que deixem
de cevar beiras deltas cos viçosos
sedimentos dos altos e montanhas.
Pouco importa
que o mar devore o delta, o salinize,
que as águas subterrâneas mudem rumos
e ascendam e pretendam parir chotts.
Pouco importa que a terra se empobreça
e tenham que nutri-la artificial_

mente com abonos de monsanto
no nome do progresso. || A quem lhe importa.

A caveira protrude baixo a pel,
os funis cobram do bikaviador.
Omuramba reseco. Rune? Pi?
As promessas som vermes insaciáveis.
Os sábios governantes querem bem
ao povo, o bem do povo.
Som ingressos, cavilam, pra naçom,
no nome do progresso.
Mas naçom nom é povo, o povo nom
tem cabida na naçom capitalista.
O povo sofre secas, sofre cortes
de energia e o suor, mi to priznati,
nom lhe chega pra enriquecer monsanto.
Pouco importam modernos
encoros e excedências.
|| Que importam as ganâncias
dumha empresa ou do estado quando as águas
já nom medram para fertilizar
estas leiras reganhantes,
quando a terra e os que dela
vivemos esmorece, esmorecemos.

Mala thandi vajto. A quem lhe importam.
<A quem lhe importamos, chuima meu.\\

Turistas pagam cara umha visita
fugaz a essa assombrosa obra de
engenharia sovieticapital_
ista. Já nom lembram quando vinham
visitar com tempo longo
as cataratas mais fermosas do universo.
Desde a presa só se vê o lago imenso
com nome de político,
desde a presa nom se vem
as vidas sulagadas,
nom se vem as carências rio abaixo,
nom se vê delta, morto de abundância,
nom se vem beiras nem labregos.
|| A quem lhe importa.

que tantos nem tampoucos

Que tantos nem tampoucos
se eternizam no rumo colorado
do badil e das neves de caroço.
A fuluge dos olhos queima espantos
nas lareiras do pranto.

E o omuangu
sentado aos seus carons escoita atento
as conversas do grande e do maior
sobre livros kêlêtsô anos leituras.
Que é tam jovem, di um, que nom entende,
que o tempo que se perde, que as carências,
que a falta de juízo e que sei eu.
Mas que melhor
jeito, di o outro, de aprender;
como madurecer sem enfrentar-se
ao mundo e seus mistérios.
O pequeno pecha o livro
do que gosta e nom entende.
Ninguém pede a sua opiniom.

Décadas despois os três irmaos coincidem:
rememoram conversas ao abeiro do lume,
·detonadas por aroma de cogordo en_
xoito e acre, achaparrado, repentino|
repetem e reafirmam ideas e argumentos.
É a tjúba tén. O pequeno,
que gosta do escritor ao que no'entende,
que concorda com ambos quer dizer-lhes,
que os dous tenhem razom, ninguém a tem.
Quer dizer-lhes que é certo que era novo
demais para a leitura,
que igual nom lhe prestou ao cem por cem aos
olhos vesgos, mas é igualmente certo
desfrutou da novela *tuak> entom
e desde tapos ¬unë nuk kuptoj\
abriu-lhe a mente e os abecedários
e que nunca se é novo demais para as raízes.

Pensando em árvores de corazón de pedra
]San Ignacio Mini, Ta Prohm, Ayuthaya{
o moço quer dizer-lhes
*enikku ariyilla> isso e mais nada,
tam só isso e todo o demais.
O pequeno quer dizer.
Os dous irmaos maiores, absortos no debate,
ignoram sua presença.

natureza

Contra as hipotenusas descalcificadas e as
repostarias hendecassílabas,
entre minaretes almibarados
que sofrem de sustâncias dous de açúcar.
Man asheghe shoma hastam. Por que?
Porque as naturezas encenadas som
dentífrico intestino sem entendo
nas suas orvalhadas intençons.

Esquivando a bulheira deodáctila
num currúncho da rua breve bairro
gram cidade aceitou o ateu toubab
extensa invitaçom a um doce chá.
|| Todas as mundas
interpretam pavores e delícias
se dydy hi ddim yn dod.

Em cidade sitiada polo exército
o estrangeiro pergunta por servis.
“Nom é aqui: hás de ir

à estaçom, colhe um táxi.” Vai com el
até o cruze, para um táxi, indicaçom
e intercâmbio sutil. E quando chega
“Já está pago” di o taxista.

A viageira precisa —centro histórico/
dum retrete de urgência
que o senhor co que falam oferece
na sua casa está aí, nom muito longe,
labirínticas curvas mais alá:
um café, umha conversa, um generoso
saber estar e compartir o tempo.
Mais alá, noutra vila, a parelha
é invitada a bebidas e banquetes
e ficade outro dia: o curmao casa,
seria um grande honor vossa presença.

Ndi bva outrora. Kena.

O viageiro recém chegado, noite,
carregando a mochila entusiasmada,
caminha polas ruas atestadas.
Um jovem xambras círcias
caminha ao seu carom, detém-se um intre,
sorri,
ergue a flor da sua mao e lha regala.

Nom importa a pergunta, só a resposta.
Nom molesta a resposta, só a pergunta.

Daash yinílyé? Por que tanta bondade?
—Eu nom sei. É a nossa natureza.//

memória

Se nom marchas já
nom poderei lembrar-te.

A boulos polos teus peitos impolutos
devo deter o prazer para lembrá-lo.

Uthando incontrolada, ikhefi râncio.
Que seria de mim sem os recordos,
que seria de nós que nom sabemos
onde girar, em que portal,
baixo que fiestras desodorantes,
por que causas sem causa, que praças tomar,
e as nove novas mastigar sem digressom.
Lascas de medo. Ogba kiakia!

Somos lembrança, é o que somos.
Corpos baleiros sem ela.
Inúteis huacos.

As folhas das herdades é o cigarro

que desfruto deitado nesta area.
A macropsia
nom se entende sem pernos. Fumo e fumo e
dou-me presa em fumar porque preciso
poder lembrar já este momento
]o cigarro, a paisage, as areas,
as macropsias
e os carunchos que se me arreponhem{.
Sofro as presas do tabaco
para poder desfrutar da sua memória.

E a que fora rapariga agora di-me:
|| tu nom sabes viver,
tu nom vives lumes, só lembras brasas.
Nom concebes o unuudur, sempre estás onte.

¬Mas como nom lembrar se o ser humano nom
é mais que passado, ténue equilíbrio
entre história e porvir. Nom há presente.
Nom existe o presente. A luz viaja
levando-lhe o seu tempo. Somos tempo
em constante fluência.\

Que a vida acabe pronto
para poder lembrá-la.

140

eu nom som eu

Eu nom som eu,
som nom a que era. Taravela.
As células do meu corpo renovadas,
o meu corpo
substituído na sua totalidade.
E porém
o pensamento segue a definir-me.

Co morno sabor a mesto chibuku
nos ouvidos e sangue
nas escumas dos mares navegados.
A nena, a mao no chibukamu,
senta em silêncio, em curiosa.
A praia é dela:
aí está a sua casa a uns poucos passos,
seus joguetes, caramujos
sintáticos, colondras
de cotovelos gastos.
Achega-se curiosa às banhistas
de aspecto claro, loiras, corpos nus,

raquíticos biquínis, línguas duras.
A nena
vai-se achegando aos poucos, entra na água
aos poucos, as sandálias na area
mas a roupa
cobrindo-lhe o corpinho
como sempre se fijo. Fixa a técola.

As banhistas de fala alhea e corpos
grandes e estarrecentes e estaurótidos
atendem a sua filha, jogam,
chapuzam,
aprendem-lhe a nadar. A rapariga escura,
coa água polo embigo, olha a nena
loira nos seus nadares e intençons.
A rapariga nada e olha pra ela,
nada e olha pra a mae e a sua amiga.
Achega-se nadando onda elas,
mira e remira
e ri quando outras rim no seu idioma.

A mae da filha separa-se da filha
e espera com paciência que a criança
nade o metro que dela a separa.
A rapariga moura, a da praia,
a da casa e joguetes e colondras,
mira e nada e ri com todas elas

e nada em paralelo a umha imagi
nária mae que sempre a espera e
nada e volve nadar e roça a nena
e topa-se coa mae e finalmente
substitui a nena nos seus braços.

Ante o constante esforço e tal aplicaçom,
]Það var gaman að tala við þig{
intençons amoreadas e alma de embondeiro,
as línguas loiras e os corpos repressivos
acomodam gastroscópio e palinuro
e devolvem-lhe o sorriso à rapariga.

·Hach kíichpan, maasima?||

ninguém sabe

Se eu som o assassino
alguém terá que ser a vítima.

Forradalom abstémia.

Contubérnios eróticos, contumélias
de pistilos e pétalas bioquímicas
e músicas perpendiculares. Två nätter.
Cobra-me esta ronda e pom-lhe outra
a esse home indignado que no'entende
por que o governo fai
o que fai, incompetentes
no básico lezer da povoaçom.
Qǐng zàiláí yìlún entanto urifo.
Pom-lhe outra e mais outra em sintonia
cos textos na parede a toda cor.
E a indignaçom
estende-se à clientela e mais ao mundo
por nom agir, por amplas tragadeiras,
por permitir tal grau de corrupçom

e tantos pesadelos em papel de agasalho.
Laŋəmafiñ, pieimeu. Embrulho a cores.

Indignado esse home nom entende
que o governo, as persoas, estám aí
co seu praze, por el e tantos outros,
pra el e contra del e tanta merda.
Quando o velho lhe indica essa obviedade
o indignado argumenta que com que ferr_
amentas poderia ter sabido,
adivinhado o curso da política,
que nom é responsável: só deitou
um papel numha urna; e ademais
el votou um programa nom cumprido,
indigna-se o indignado. E ademais
som melhores os outros?: fam o próprio.
E pom-me outra do mesmo.

Se eu som a vítima alguém
terá que ser o assassino. Barras longas
e noites sem fim, janelas sem paredes,
ninhos nos pipotes, estupendas cortesias,
fracassos diabéticos, inaudíveis outeiros
se eu som a vítima. E o velho
é agora o indignado ante a ignorância
e tanta hipocrisia. Eu nom sabia,
insiste o outro, yes nom sabia.

Nom sabes nada.
Ou som eu quem nada sabe. Ou
ambos sonhamos o que sabemos.

O velho deixa a baiuca abastonado,
hipotético e minguante. Ruminante.
Esborralhado. O velho pensa
que o home indignado, passado o susto,
voltará a dar-lhe a sua confiança
aos mesmos delinquentes linfopoéticos.
Sente mágoa por el, a indignaçom
transvasa-se à massa, ao coletivo,
às gentes uniformes, nom a el,
o indivíduo, a persoa, o bebedor,
co que bem simpatiza ao seu pesar: mui_
tas noites taberneiras, sábios sonhos.

Se o hipócrita é umha vítima da socie_
dade perpetradora... A si zwone,
hayi, aowa, kako, aawe, kwete, iyayi,
cha, tjhee, a hi swona, nnyaa. Inde. !kao.
Dëgg neexul a dégg.]Amamos se loitamos{

Desde a rua ainda escoita
a voz do home repentino
dando-lhe ao taravelo: eu nom sabia,
eu nom sabia.

distância crítica

Pesadelos de plástico e de sombra
e som tantas as causas
neste inverno fecundo e polo assado.

Tentativas de espelho, fossas cúbicas,
enxertos vaginais e pesadelos
parasitos,
virginais concertos. Eu nom sei
como poder julgar a tanta gente,
diferente e compacta, dis cansado,
como entendê-la, como discriminar
entre costume e mera explotaçom
ou entre tradiçom e vida digna.
Eu nom tenho, yiqirta,
as referências necessárias, nom conheço
os conceitos versais, os referentes, a
convivência cultural, os sacrifícios,
argumentas e embrasas a narguila
no zoco. Haere mai.
Admirável

distância crítica, esquisita
coerência filosófica, guayoyo
que tam só che permite
entender teu vizinho unicamente.

E eu che digo, bebendo do sabil,
que a milheiros de milhas de existência
coincido em sol e em sal cos bumiputra,
estou mais próximo do fellah que saúdo,
militante da Frente, comunista,
ateu e maricom, que de ti mesmo, que
do vizinho dia a dia saudável,
minha mae a católica ou meu pai,
meu irmao o fascista, o labrego
e pescador que entendo e nom entendo,
o país inteiro, miserável,
conformista e repugnante,
guizân e mżargħan, rotatório
·fracasso de naçom|.
Bebendo do sabil, do kàthoey,
do thầy bói do Thai boy. Grrr. Esquisita
distância crítica. Admiráveis
razons pra nom molhar-se.

o circo

"Are you a newspaper man?" dixo o enviado
espacial. Cem couselos nas paredes.
"No, I'm a real man", contesta o certo
sem maiores rendevus.

Toxicógenas cóxegas, fluviais
areas entre as pernas, que cotejas
com perniciosas e pluviais marés.
Arrecende-che o riso, roupa velha
a secar do estupor peduncular.
Tanto choro, remendo da amizade,
tanta gente, persoas umhas poucas,
cheiro a dor, própria, alhea. E mais nada.

O jornal languidece desde as novas
que venhem nacem velhas. Os porquês
nom se deixam colher, antecedentes
fugindo entre as palavras, entre linhas.
Reduz cada sucesso à sua aparência
imediata, fazendo-o incompreensível.

Testabao translúcido acirrado,
ar eivado remedo da verdade.
Inútil aprender o que um nom sabe.

Sangonini? E se a nova é local,
se és tu a nova, sangote,
se és tu quem dialogou co jornalista
e lhe contas e explicas como podes
ensaïmadas e bilhas estentóreas
e pemberontakan se as houver
e falas e te expressas, para que,
se ao final é impossível a coerência
e nom te reconheces nas palavras
que dim que som as tuas.

Se o jornalista perde a perspetiva
e nom sabe explicar o que acontece
na porta da sua casa, como queres
que creamos a metade do que contam
da Corea o Zimbabwe o Afganistám,
da Malásia ou da China ou qualquer terra
de culturas e idiomas diferentes,
de tradiçom política díspar,
de crenças, sexo e morte dissonantes.
Como queres
que entenda o que se oculta, o que se ignora,
que atravesse as maranhas de espetáculo

sobre as que se sostenhem noticiários
e jornais e opinions e benefícios
e ideas esmirradas qual mirrocho.
Como queres.

Jornais amoreados
no piturreiro, esterco dos teus dias
e miradas vermelhas entre aranhas
sobrassadas no cu do talaiot.
As novas como joana, à requesta,
quando nom diretamente falsas,
Ramsés II da piolha.

Jornalistas
exercendo de cómicos no circo.

3

afám de perfeiçom

Quem come chifles e cultiva chuños?
Quem se banha detrás da iconostase?
Qhem colheita rafflésias e tumboas
nas kerangas da tarde e sensabores
dos cântaros? || Nós, nutu kana godha.

Buscava a perfeiçom e nunca fijo nada.
Conferências distópicas nom gelam.
Que fazer é a pergunta, é a resposta.
Socalcos dos orgasmos, quatro tempos
impolutos e verdes nos tubérculos
das ânsias verticais. É a pergunta
que nom sabes fazer nem responder,
altivo e ancestral como os sarcófagos
karajianos. Adentre-se nas árvores:
<O bosque é de sávila ou aloé.\\

Criador de efemérides, artista
oculto de gaveta e caixom,
perfeccionista

com muito que aprender, ainda pobre
na técnica que o vive e da que vive.
Tempo há de acabar, a vida é longa.
Gênio desconhecido que se nega
a mostrar a sua obra ainda infante
entanto nom acade a perfeiçom
à que aspira e pola que sobrevive
dia a dia. Ainda há tempo.

Passam os anos e o artista moço
fai-se velho e enferma e abandona
este mundo de estudo inacabável,
de práticas de técnicas indómitas.
Doelas sem sofinco as da selha.
Passam os lustros e o enrugado anciao
morre sem nos mostrar a magna obra
à que entregou a vida que já morre.
Papeis e partituras e bosquejos des_
aparecem comestos do caruncho.
O afám de perfeiçom
deixa umha vida inútil e imperfeita.

tu que nunca fas nada

Revoluçons vernícomas que nom curam
as cicatrizes da loita de classes. A ergofóbia
chega serôdia e malurada. Astrolábios floridos
e intuitivas apertas. Morte aos monarcas.

Mira pola janela, falas-me do inverno,
prometeche-me poemas. Prometeche-me poemas.
Astragalomancia sem futuro incorporado,
dedica-te a outra cousa, a outra causa,
cara do pai assassinado em gumes
semafóricos, teimudos, incisivos.
E chamas pola mae, tu, pai cobarde
e traidor como tobo de teixugos
que chamas pola mae até que hora,
até que muro, que janela sem gaiola.

Caminha polas ruas da velha Bikaner
com bostas na cabeça. O equilíbrio
do comido e defecado fai-se lume
na lareira às e pico. Boa gente se

nom fosse o que tivo polo verao.

Dedica-te a outra causa, dis-me sábio
ante o quadro que pendura
da parede de pedra da baiuca.
Yacu quero. Dedica-te
a outra cousa, isso nom vale,
dis-me, dis, a outra cousa.
E se nom quero, kāore,
e se quero pintar como até agora,
gostes ou nom receitas minhas,
ofendam-te ou nom as minhas cores,
e se quero expressar-me como som
e nom como me dim que devo ser,
e se quero falar nom para ti, que quem és tu
para calar-me, para ofender as cores
minuteiras, segundas e colónicas.

Dedica-te a outra cousa, dis sabicho
tu que nunca fas nada.
Dilarang.

por este rio acima

Sobes e baixa ao mesmo espaço
temporalmente, ao mesmo tempo
na distância espacial. El olha à esquerda
e el, o outro el, a sua parelha,
senta à direita do trem que mos destorce
por ribeiras alheas e desertos.

Grande é o país que me complicas
o bom dia devolto e as enxaquecas.
Rio arriba um dos homes, à direita,
mira pola janela longas horas
de viage longa e periscópica
em paralelas sem fim. O trem avança
por eternos cultivos, milhos, leiras
entre sete canais, mil palmeirais,
campesinos e burros, carros, frutos.
Rio arriba o outro home, a parelha,
escolhe fiestra esquerda e respirando
três pingas de nugalha repentina
olha a infinda paisage do deserto,

as dunas e areais e imensidades
sem vidas e sem sombras, transparentes
como o sonho. Terra morta. Viage viva.

E de volta à que chamam sua terra
entusiasmados contam a experiência
do gram rio e país. E entanto um fala
do verdor da paisage, da viçosa
explossom de libido e tamarindos,
da exuberância e riqueza do país,
o outro explica areas e desertos
desolados e tristes, dores, mortes
assomadas aos graus e mui bons dias.
<Wǒ tīng bū dǒng. Proibiçom da estévia.\\
|| A viage é a mesma, o território
é o mesmo, o trem o mesmo, o rio, o vento.
Impressons diferentes, conclusons
parciais de um só todo, olhadas
a um e outro lado do caminho
de ferro: assi de simples
construímos dous países de um só, e_
dificamos memórias diferentes
das mesmas experiências compartidas.

as três sílabas do medo

As três sílabas do medo, o corpo aberto,
tímidas pituitárias. Passa-me um guiço
morno de entendimentos, lume aceso
de cernelhas picadas. Lume, lume.

Era um bom home.* É. Tam carinhoso
e materno cos seus, tam boa persoa,
e pardeus tam má gente no momento.
Se é que somos. Nom somos. És agora
e despois, mas nom és ao mesmo tempo.
Chabwino. Tanta cotra infalível.

Mas que boa mulher, é umha santa
triangular e sintática. Cos seus
horizontes relosos, necedade,
estultícia sem fim nem horas cruas.
Boa persoa, má gente, paradigma.
!King se !kau.

E por que?

Eu nom sabia.
Passava por ali, acheguei-me a ver,
contárom-me o que houvera, indignei-me.
Pareceu-me razoável, todos juntos,
todos de acordo, a indignaçom
pede justiça, e a justiça
ou é imediata ou nom, ou nom nos vale.
Mas que é que fijo?
E logo nom o sabe?
, e logo nom é claro e diamantino?
Foi o que fijo,]ainda escoito o urro{
ou quiçá só o que foi, o que era, el?
Eu nom sei, algo faria
quando todas e todos o queimamos
sem dúvidas nem ervas reviradas.
Maricom ou cigano ou magrebino,
galego nom seria, algo faria.
Si, fixo, o galo algo fijo:
é-che essa razom pra tanto lume?
Se é culpável que pague.
É culpável, mas quem lhe pom o preço?
pós tu o preço? O-kanjo onegaishimasu.
Idla ntoni na? Vive o soroche.
Quem mata há de morrer, parece justo.
Mas para morrer alguém há de matar; e
se tu matas, o matas, se matades
a quem mata,

havedes de morrer, é só justiça.

*Se o racista é umha vítima da socie_
dade perpetradora, castradora,
que caralho som eu? Que é a sociedade>|

Tam boas persoas, bondade pura,
solidários e brados aboujados
que dam a vida polos seus sem aviar-se
ainda que a vida seja a dum estranho.

Aviados estamos.

o traidor e o herói

Queimou umha bandeira, queimou outra.
Nom queremos nem muros nem bandeiras.
Octossílabos mortos de contido,
tralará.

Antes das bostas, trás as rolhas,
aprofundam toupeiras, disciplinas
e turbantes de farrapo hipotecado.
O home é sociedade, em sociedade
queimou umha bandeira, houvo aplausos
e vivas antimperia_
listas e ossobucos desafiuzados.
Assi nace um herói.

Ungula. Sirkh. Ungula.
Excrementos de djindjok, nagas perversas,
fusquenlhas fartas e nugalhas
de perfil. Touche pas nos trompicalhos
das emendas desproposicionadas.
Preto sangue.

Na mesma sociedade o mesmo home
queimou outra bandeira, a nossa, a própria.
Os mesmos que antes vitoriavam
assobiam agora alporiçados,
arrebolam insultos e mais pedras
que penetram nos olhos nos ouvidos
no sabor e no sexo e no mukhamu.
Esse trapo é sagrado, damos vidas
por el e o que complica, digo implica.
Nom quero que umha rolha me governe,
com ela limpo o cu, di o traidor.
É home morto.

//ari, //ari.
Sem pensar foi à escola, a prender-lhe a
liberdade, volve chover à tarde,
heimat podre nos cantos dos penedos,
ma sara hai nai kushi chu encore,
cantas-me ao ouvido, bebem, choras, matam,
e portanto matamos. Andorinhas.
Tracatá.

obediência devida

O ya kae?
O soldado obedece, é seu dever.
Obediência devida ou paredom.
Aplaudam a despersonali_
zaçom adereçada e cubas velhas
que se anicam e guicham polas portas
importadas da base. Passaporte
para a glória ou passeo apesarado.

Extroduçom esquisita que tu e mais eu sonhamos
que nunca chega, sempre em vigor
como a pena de morte. Nom chegues tarde
que a tua mae preocupa, feita de lástima
nas gândaras que recolhes ao serám.

Que culpa tenhem as línguas e os ekskuus,
os pescoços da !naib. Ki nako mang'?
Se o fascista é umha vítima da socie_
dade perpetradora, morra ela.
Mas quem diantres é a sociedade?

Se o soldado obedece, ¬za um sanyi\
pra nom morrer,
por que executamos os soldados
que assassinam ciganos e maricas?
que torturam e violam como aprendem
na academia? Por que nom aceitamos
o direito a nom obedecer, a ser persoa
responsável dos atos e as ideas?
Peiressil estragado. Ikh farshtey nisht.

Tamanha hipocrisia a disciplina:
obediência devida é bem sagrado
e porém nos escandalizamos
dos crimes anti-humanos e massacres.
Mas o hitler de turno nom nos mata
el só, nom, el nom mata, el nom mancha
as maos de sangue. Nom tem mais
que acudir à devida obediência
que mate no seu nome. Tam doado era
acabarmos com el e tantos outros
rompendo simplesmente
a cadea de mando militar.

Devida hipocrisia.

orgulho racial

O polrom cefalópode, as fivelas dos
homes gordos de trajes sorridentes
que mordem capulanas e amahiyas
e improperam pastusos excelentes e
dicionários com data de caduci_
dade ·e mafai ona ou lagonaina|:
quantos quatros e cintos de reposto,
//khaisa mortes, /gui vida, payal próprio,
flâmula insolvente, masmorra santa
que penetra acubilhos farrapeiros,
astenia tubércula, nomes próprios
de bens comuns e coiros
de cacique, siyabonga,
babalaza infernal dos teus coidados.
Lalore em escabeche ao sul do ninho.
Orgulho racial. Como me abstraio
das minhas miuçalhas, os meus flatos,
meus invictos bandulhos, meus castrapos,
e baseo vida e loita no circunstancial
acaso do meu nacimento nesta terra

e num huayno cortês curto de achiote.
Vivam trapos e cores, vivam
orgulhos e raças e abstraçons
e pátrias polas que viver, mátrias
polas que matar. Ráti, ráti.
Quando o conceito importa mais que a gente,
abride a abra, aturujade,
importade chacay e tamarindos.

os hábitos de deus

Alif, lam, mim. Jápmin.
Os jogadores de thadji
nom esperam acordos
nem pongos financiados pola garúa
que penetra veas e expectativas
camufladas de sono. Levitós
calaínhos, morrinhentos.

Milénios de injustiças nom é nada:
quatro esporas e umha éngoa intoxicada
na esclusa do sapato. Uli musuma
no luar do massacre hemisférico.
Quantos chios nestes pagos
à hora da merenda junto ao picho
que lava beijos pobres, vozes podres.
Quantas mortes pagás, supersticiosas,
decretadas por papas e doutores
da Santa e Oficial Superstiçom.
E o peletre nom topa a sua estrícula.

Mil odres de injustiças. Bebe deles
e assi rebentes. Maguey, assi rebentas
chegada a hora da vingança
quaternária. Vizinhos bebem vinho
de palma na palmeira à sombra ríspida
do fromager irresponsável. Morram reis
e rainhas e sangues que se herdam,
marabouts, oh mon dieu, pha jâo tu,
tanta merda concreta entusiasmada,
serigne touba. E se despois
nom sobrevive nada. Nie jadam mięsa.

2000 anos de injustiça social
nom significam nada: lei divina.
Aqui estamos, assi somos: sempre houvo
ricos e pobres. Bocsánat. Noite triste.
Nom te agaches no huipil, nom invoques
N!odima: estamos tu e mais eu
cara a cara, ninguém mais, o mundo inteiro.
Caminho ao céu, địạ chỉ là gì.
Por que tanta passivi_
dade indigesta, tanta malária
na esperança, tanto assentir, tanto tragar
sau séculos de espanto. Nom há
alteraçom nos hábitos de deus.
E porém *aram shoo!!>
erguemo-nos com santa violência

quando insultam as nossas abstraçons,
nosso Krshna ou Trimurti, o Maomet,
o Cristo do caralho, o Iavé:
erguemo-nos em violenta
oposiçom contra os irmaos
e irmás que tenhem deuses diferentes pra
defendermos brahmáns que nos oprimem.
Nom amentes o conceito, que te mato.
Nom insinues possibilidades
que te queimo. E assi queimamos
destruímos arrasamos, difaqane,
terra queimada, centos de cadáveres
fermentando o cenote de al nakba
pola satisfaçom das nossas almas,
do nosso único e verdadeiro ídolo.
E no entanto o famélico corpo
segue escravo do poder.
De Chac-mool. Maquiladoras.

|| Que vos aproveitem as vossas
revelaçons e eternidades,
meus tristes párias.

a rapariga que morre pra estar morta

Nom sei porque me molho no
chapapote bancário sem vergonha,
sem argumentos clínicos potássicos
investidos nos gromos da ansiedade:
que todo o mundo tem as suas raçons.
Chove. Escoiredos lésmicos na frouma:
por que me querem mal? que prebe figem,
que rustrido inconcluso?
Baixo o asfalto
habita a vita, a gaupasa, os minhotos,
sementes de jagaran, xarxas secas
que reverdecem pungwes e aquelarres.
Inventores da fala, anicados
no deserto que é pra nós, nom para eles,
rim de mim asfaltado até o abraio.

A rapariga morta. Alguém matou
no passo peonil. O kris fermoso
e mortal. Isca, isca! O home via-a a
diário desde o tobo do veículo

e a diário engolia mil paciências
de varano doente ¬chovem grilos
no dil intemporal das intempéries\
enfrente da boa mestra que dava alto
para deixar cruzar a rapariga
que era morta nas maos da boa mestra
que se agocha no tobo do veículo,
no covil da bondade, a sociedade,
os passos, zebras ébrias, as escolas
de dores várias.

Nom volvo entre cornetas, nom semento
djembés de coiro vivo: domestico
velhas mbiras de metal crisálido
e nefastas ruginas. Nada mais
fica da genreira que usem dentes
periósteos e à parte. Só à espera
de bpa-de-woa-ut inconclusa e perman_
ente. Nas coletas dos cometas.

Entendo o home, o velho home
egoísta e desfigurado
que deixa a pel no curro do progresso
e embilece a cotio co retraso
ao que nunca se afai, dia trás dia
freando e esperando pola nena
que lhe atrasa a paciência, tanta bile

acumulada, nom ser capaz de nada,
nom pensar, tanta bile, impotência,
até o dia *papa-ventos>
no que o home nojento acelera
e lhe passa por riba à rapariga,
nom à mestra, nom, deus, à rapariga
que morre pra estar morta.
Quanto entendo
este home impotente, o desespero,
o nom saber fazer, o medo, o poço
negro,
a inconsciência dos anos de condena
que lhe esperam, o arrouto infame,
o analfabetaísmo.
Quanto amo a carne
descarnada e violenta ao seu pesar.

Entendo e quero o home, porque o home
fum eu, sem periósteo. Som eu o home.

quanto gostas dos gatos

Quanto gostas dos gatos, tam peludos
e redondos e sepid, pretos, giallo, que
se acomodam no leito no que dormes
e amas. Quanto gostas: tam castrados
que deixam de ser gatos, tam peluches.

Hoe gaat het, fermosa apsara de ser_
pes abraçadas a sonoros tejos
aos que jogas sem calúnias celidónicas:
tenho-te como um chiche nos meus peitos
papaveráceos e prosódicos. Quanto me queres?
Odia-me à pressa para passar ao amor
quanto antes, quanto queres. Quanto gostas
dos peluches, arrabados
sempre aos calcanhares enlevados.

O que me namorou é causa de discórdia.
As peculiaridades que te faziam única
som escolhos defuntos, ódios fundos,
crescentes inquietudes cada vez

que tento corrigir-te ou moldar-te,
fazer-te minha à minha semelhança.
Peitea-me a espera no gasthof.
Quero-te perfeita, quero
aperfeiçoar-te desde o meu kopje intransitável.
Cada liçom é um chanço mais
no desapego, ossos de chato cego,
o amor é ódio é morte é mais e mais sem resultado.

E entom el aceitou-na <quem lho
pediu, quem\\ como é, sem lecionários
nem correçons nem perfeiçons
falsas e pretensiosas. E entom el viu-na
por vez primeira nas suas dwalas
e oboés perfurados de semáforos
—assi a viu: *domestigato>
torpe e infantil, mola colorida—
e arreconchegou-se e amou-na sem calmúrcio
nem livro de instruçons. Aí estám ela
e mais el, o imperfeito. Disque se amam.

For

arde o codesso

Retorto como rabo de talingo.
Khâo jai măi? Vendo densas folerpas
myriad pro ou verdana —ninguém merca/.
Recoleto sois azuis coas tuas tesouras
que adereço com línguas de morcego
e esperma de unto vivo. Chego às sete
de setembro, passado o meio dia,
a casa sem varrer, arde o codesso,
sempre à espera de outubro.
O sabor do chayote está proibido.
Meus dies est; tempore accepto utimur.
Ninguém merca. Po ju?

É tam denso o discurso,
mbili teslas pra um só weber
*assi explicas, dahon>.
Nom cumpre demasiada explicaçom:
basta-me o titular, um só resumo,
umha intelecçom já digerida
e regurgitada. Por que perder

tempo e vista. Dá-me um lema,
um título é dabondo, tu opina
e eu sigo os opinares que som teus.

Se hás de falar sê breve; melhor cala.
Nom me ofereças revistas de cem páginas.
Resume, por favor, nos teus andares.
Nom queremos, ai!, tantos argumentos.
Por que nom leo um pouco e deixo o resto?
Que pode haver persoas que si querem?
Que mire o que precise? O demais guinde?
Nom me ofereça mais do que eu quero
para mim e pra todos, todas, ponto.

Quiçá o que nom queria
<e certa culpa paira nos batumes\\
era a existência mesma de argumentos.

retalhos de ao dai

Retalhos de ao dai
que navegas cos pés como em thúng chai.
Misérias de Sitthiket com
quem compartes amores e torturas.
Viaja ligeiro, yâam ao lombo
e um kathip khào pro arroz
que onte ingerias, mas nom mêu nîi.
Sete oito por certo de humidade
entre vértebra e vértebra. Ametistas
devoram fios ásperos de iscalho
e proustite.
78% sem piedade
entre artéria e ver tebras. Telefone
jaspeado de urgências. Tempo ao tempo.
Prazenteira placenta.

|| Detenha-se, senhor; sente a carom,
tome um chá, umha parola. Levo pressa.
Para que tanta pressa. É que nom podo
entreter-me, entretê-lo; boa tarde.

Senhor, atenda, espere. Nom entende?:
nom tenho tempo. Eu podo dar-lhe,
senhor, eu tenho tempo, podo dar-lhe
o que me sobra.

Tempo ao tempo.
Vim-te e dous pc de humildade.

rolindes

Os estorninhos da Habib Bourguiba
vendem quatro verduras radiofónicas
polas nádegas túçaras do inverno
que alegria insensata que embalsama.
A cadeira mantenha pela os dentes
ante bálsamos peles e tormentas
agrárias. E despois
a antiguíssima labrega baixa à vila
a pôr olhos nos tatos e sabores
nos olfatos. É xorda e nom se muda
desde a folha canela que encetamos.

Quantas horas sentada no seu talho
na esquina trás o banco e cores himba
nos olhos putrefactos, nos inóspitos
chavelhos tupamaros, monggolbar,
quatro molhos de verças ribadávias
por quatro patacons pra um pouco khlib.

A labrega antiguíssima, sem folgos

pra vender dous tomates cobiçados,
um repolo sem alma, seis videntes
ofuscados na corte. Tojos moles.
Vai e vem se lhe peta, sobrevive
como pode sem tempo pra viver.
Umha vida
dedicada à subsistência, duras maos,
peles ásperas, enrugas
sem sustento, almas ocas
|| a lentura inconclusa dos seus anos.

Olha, vinde: vede o talho que
perdura sem labrega que o acougue.
A mulher querendosa como a ruda
deixou de procurar as quatro verças.
Já nom cumpre
baixar à vila, investir horas
nos quatro patacons. Seica o sustento
algo tinha de vida. Sem sustentos
nem passeos à vila, sem estercos
nas cortes dos afetos, sem insígnias
catatônicas a velha
mulher labrega deixa de
procurar-se e viver e amavelmente,
invasiva ternura sem funil,
vai e deixa morrer,
deixa-se ir.

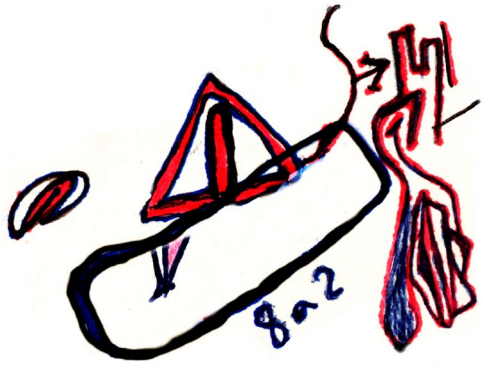
dous tempos

Se eu te amo,
que importam as idades, madureces,
sexos e números, parentescos.
As noites maldormidas, os curantos
mal excrementados, as feridas
inconclusas e trêmulas, os ódios,
o ar sólido que bebes
cos olhos,
o mar fundo apalavrado. Se eu te amo.

Quanta lástima me tendes, quando o amor
nom é mais que eterno amor eterna lástima,
vidas perdidas por nom querer quedar
mal. As mortes vivas: nom saber
faltar ao respeito, cortesia,
e que bom som que tanto quero,
e que merda de vida me vendeche. A_
gora é tarde pro arranjo, nom me vale
devoluçom nem fios de estramónio
canso e podre. Dá-me a morte

que nom me deche em vida. Nom me esperes.
·E ouvimos umha voz protuberante
na distância das nuves mal chovidas:
jeoneun jalmotan geosi eopsseumnida.|

Se eu te amo, que importa o teu rejeita
mento ao meu amor. O meu amor
por ti nom é da tua
incumbência: é cousa minha.


8a2

nom me assombrem revoltas

Nom me assombrem revoltas que me fitam
desde o olho dum cam supermercado,
os perrinches, as guerras,
os calhos e as cem gramas de escravismo
com pouca graxa e fundas marcas
no lombo oxigenado, peliqueiro
de krama colorida no pescoço.
Nom me aboujem
pururudzas e irrintxis e
liquamentos de ñepu'ã intoxicada,
yovos indocumentados
que espirram quando vem que nom se pode
entrare e saíre ao mesmo tempo.

Nom som eu o inimigo, comedores
de sadza, responsável
de problemas e solvências inasíveis.
Nom som líder de nada e nom gosto
de obedecer ditados. Militante
sem partido, soldado sem guerrilha,

guachaco sem tumulto, rapapelos
sem processom. Bago sem ácio.
Vai-che enfriar
o kinkilibá. Un inteleg.

Inúteis militâncias as do escorço.
Já nom se ouve o lastimeiro canto
das bin noras de Hama. Vejo em Maun,
nas águas okavangas, numha loja,
garrafas mondariz, anlamiyorum.
E na Galiza
construímos palácios com granito
traído do Brasil!

(Viva o mercado.)

se pós a pota ao lume

Se pós a pota ao lume em lua chea,
os calçons a remolho da vizinha
sem tarteira funâmbula. Os leucócitos
apropriam citoplasmas basculhares.
Non capisco, bem dis, na nova lua
aghilhada e rabuda na entreperna
tártara e vascular. Mui boa tarde
tenhades no serám. A noite voa
nas areas as águas de Achudup.
Terás múlu sapádu em milibares.

Admirável dominó ideológico:
cai um e caem todos. Para mostra
um botom, minhoca toda:
gosto de ti que és cigano
e todos os ciganos som boa gente.
Se cais mal como chinesa
ah que responsabilidade!
·quantos mil e milheiros compatriotas

nom dependem da tua aceitaçom:
se és boa, todos bons no teu domínio;
mas se má
todos maus.|| E os galegos
e galegas aqui estamos,
todos, todas, cuspidinhos
uns aos outros, e a vaquinha
e a ignorância sem sabermos
se subimos ou baixamos
ou morremos. Os galegos,
é o que then katalaveno.

os vermes de mopane

Os vermes do mopane bebem pivo
em vasilha de tágua* indigestível.
*coroço, coraçom encoraçado>
As toupeiras assomam pola relva
entre os dentes felinos dos carnívoros.
Por detrás do tanchage as tuas dedas
amam o chucha-mel que me amamenta.
Atroz atriz que vive do meu sêmen,
do malho do meu sexo esbardalhado.
¬Se o fascista é umha vítima da história per_
petradora, fagamos nova história.\
Sementarei revoltas, guilhotinas,
vozes republicanas e outro aolnap
semienterrado em juros medievais.
Né razbiram, camarada, nom me inteiro
no verde e amarelo. Moralmente hi_
potecado no âmbito da hipófise
que se alimenta de verças veiculares
em molhos de três vímbios endorfinos.
Solicito ser ganga dos teus ouros

e cambur antisséptico epiléptico,
chantage dos teus sonhos lingoteiros
no sono irracional dos cigarrons.

Ɲɛgɛn bɛ min?
Foi papá, que vai velho,
khūbe je jūnā meded
que nunca mira aos olhos quando fala
|| cagou ifinkubalas pirotécnicos
e mordeu mortes pobres e fascistas.

o xurro em olho próprio

Viaje espatelada nos assentos
de primeira, escangalhados.
12 e ½ de bagos na patela
do ser que é res que é rem.
Sincronize-se co pâncreas do carvalho,
Insulina, senhora de Insuachám.
Faga caso do omisso omniparente
que se nutre das bágoas dum cangalho.
Ja ne razumem, razoa, os teus rinchons
imolados na croca dos teus puchos
diegéticos. Controle-se, contemple
o xurro em olho próprio e deixe arujos
alheos e estivadas. Arde o arxe
na lareira pulmonar, ponto e à parte.

Daq-poun yaiq-ló yá-dhălà?
Purinas secundárias dos seus olhos
purgam nojos kedives no kibutz.
Ralbam medos e espelhos, roem gumarros.
Por que nom deixa de tirar-lhe fotos

à miséria, ao atraso, à sujidade,
¬"como podem", "por que assi",
"que lhes custa"\ tam terceiros
no mundo. Ae, Isoalina:
Nom me volva secundário,
gire a câmara e veja-se, senhora,
ponha-se de asas ante si, en_
quadre vigas, desfeitas e sintagmas
epicureus no seu suposto primei_
ro mundo que nom sobe de 2º
mohem nist ¬tukisinngittung\
sem saneamento nem águas, e essas fochas
no asfalto desde há um lustro, e as estradas
sem pintar, repintar, cortes elétricos
por debaixo dos moinhos que a assombram,
corrupçons, injustiças, areais
cobertos dos seus plásticos no inverno
que bem limpam pra você chegado o vrao.
Volte e mire-se a fundo no aparelho:
como pode viver assi, por que
assi, *mas kur tu gyveni?>
que lhe custa arranjá-lo, protestar
tam primeira, tam mundo.
Que caste de conciência, que hipermetro_
pia (e a cernelha é-che rabela),
que tertúlia patriótica primária
nos cega, na stor han,

que medimos alheos com nós próprias
e nós nom nos medimos com nengumha.

as leis do mercado

As elites de escravos bem sentados
às esquerdas das esquerdas. Os direitos
fundacionais das cousas, os esquerdos
do sabot no rodízio tam descalço
nas esqueiras, drougar, direi-te több:
privatizem o ar, o pensamento,
o estado e o dinheiro, os embaraços.
Vendam-me ditaduras financeiras.

A riqueza criam-na os pobres. Os ricos
só produzem miséria.
Jeg forstår ikke as leis do mercado.
Mercadores do mundo, sempre unidos
no objetivo comum do benefício,
que me compram a alma quando me ergo
e me vendem a mae se me cumprir.
Mercadores do mundo que me vendem
o que nunca preciso, que me vendem
a mim, produto râncio de mim mesmo
a mim mesmo vendido. E passamos

tanta fame aqui dentro mas aí fora
vai tanto frio ||
yeh mere pitā jī kā gw̃v hai,
com mui bom preço de saída, camarada.

Devrim molecular, a feitoria
pechou, nom há mais carros
fabricados, nom mais casas
construídas, um milhom de
pisos baleiros, que grande boa nova,
que absoluta cantiga, que porvir
para a terra! Algum dia
havia que parar de criar lixo!
Mas sigo lendo e nom, nom é assi:
Perigam nossas vidas, di o jornal.
Periga o mundo,
a civilizaçom ocidental
por nom comprares. Förlat. Ninguém merca,
ninguém fabrica e deus periga.
Ó gram capital, é mea culpa
por desviar-me das grandes superfícies
e ficar nas pequenas profundezas.
O fim capitalista nos meus ombros.
E a partir
daquel dia o nobre cidadao
comprou mercou obtivo e adquiriu
casas carros neveiras frigoríficas

relvas grises maçás televisores
armas álcoois vaginas de aluguer,
o patriota exemplar encheu a casa
de inúteis objetos. Finalmente
o nosso rufo home inquisitivo
comprou-se hipotecado a si mesmo
o que é dizer que se deixou vender
polo bem do capital. <Quando todo
tem posto um preço, nada vale nada.\\

(Nalgures os tafures tam tafurros,
os mafiosos bolsistas e usurários,
no entanto a rir escacham. Com razom!)

vendo preços alugo informaçom

Gyani do meu gurdwara vegetal,
indolente avelaira pro meu fígado
afgelegen, um fato de rapazes
morrendo o pesadelo americano:
esta é a época ondubbelzinnig,
estes os sangues, a barbárie,
o valor subjetivo, uso, câmbio.

Foarte ieftir a vida, gram tocado
herero. Golpe a golpe de ferreiro
comprado. Entanto mercam o raposo
ao cuidado das canas advogadas.
Dis eolma. Digo takasugimasu.
E na rocha escrevida o coito copto,
timahshmoune, ani lo motse klum,
money exchange no túnel de lavado,
digo lava, amor, rio revolto.

Yarım şişe de indigna_
çom proletária contra todas

e todos proletários conformistas,
que no ofereix resistència, gossa dòcil.
Se em nós mandam pois é, mi scusi tanto,
porque nós toleramos que nos mandem,
porque nós lhes mandamos que nos mandem
nestes tempos excremenciais e abjetos.

E se o bus costa um quarto, pague um;
e o café vinte cent., pague 3€;
a visita é 1$, dez você.
Som as leis do mercado, money exchange:
pra você nom é nada, moedas velhas.
*E nom me perde pé o picaranha.>

Mas si é, dixo o outro, claro que é:
é a especulaçom que nom me avonda,
engano e falsidade por um cêntimo,
mas engano é, falsidade.
Você é
turista, você pode. ¬Ninguém sabe
que o turista em questom é um obreiro
mileurista que apenas sobrevive
co que ganha, que estas som as primeiras
férias das que desfruta após lustros
de aforros. Pobre pokka.\

Di um terceiro:

nom me abrange o batráquio abrancujado
—jertiano no bochorno, chipichanga/
nem as vulvas abráquias das tuas achas:
se me dá umhas moedas eu direi-lhe
os preços do mercado, no mercado.

*Vendo preços, alugo informaçom>

assi mesmo cho conto

Assi mesmo cho conto. Tôi không hiểu.
Grisalho gorgomil que bem che sentam
as estratégias em contra da térmite
tectónica teutónica arquite
tónica sem provisom psicodinâmica
que verque as suas técnicas pletóricas
no arroaz platirrosto subterrâneo.

Eu falo o que me peta, di-nos ela.
Nom tal, di el, nom falas o que queres:
tu falas o que sabes e o que podes,
a língua que permite a sociedade
¬tu falas a bahasa estab'lecida\
]Chambwa, chambwa, revoluce{:
um produto social, isso é o que somos.
Eu nom gosto pensar no ser humano
como objeto, em mim como produto.
Mas isso é o que somos,
di el desde o escave do afeto: a
gente fala umha língua concretada

porque essa é a que imponhem, pachamama
concertada em açons de selva virge.
Por que é cristá a gente? por escolha?
Que eleiçom leva à gente concentrada
a gostar sem escolhos e em rebanho
do futebol emitido? Um produto
da sociedade, isso é o que somos.

Mas se prendo outro bídi esmorecente,
se viajo em mokoro polo delta
adventício e nasal, ou em bwato
vermelho como o fol dumha fragata,
como o bíndi que marca os teus cantares
karibenhos, andares por Siavonga
anfíbios e explosivos, um arroto
sibebense e granítico, natal:
daquela que? Bujhini.

Eu nom som um produto: di-nos ela,
outra ela em fusom psicodramática,
fermosíssima, altiva no seu banho
de sementes humanas vasculares
que basculam basculhos pra o almorço.
Eu nom, nom som objeto mas si objeto
a qualquer natureza ou sociedade
que me diga que besta devo ser
ou como comportar-me. Nom, eu nom:

eu que som castelhana falo a língua
da que vós, aborígenes diglóssicos,
renegades. Eu escolho
a ausência do teu deus
·assassino-o com beijos e a coitelo,
com coitos, bestas, quilos, catapultas|
e atalhos nos amores. Eu, vestal do
moinho e galigolo som produto
de mim mesma. Eu nom voto
nem acato as leis da natureza,
dos instintos e da supervivência.
E por isso ¬Jag är gravid\
revelo-me distinta contra toda
sociedade, natura, ética, germes,
núcleos e planetas. É por isso
que decido deixar de seguir viva.

|| Na final e total independência
de pátria, deus, natura e sociedade
a mulher arrojou-se da janela.

estupendo quilógnato animal

Estupendo quilógnato animal,
cuộc cách mạng que refolhas nos celeiros
dos antroidos gastados, vem-te e quatro,
proletária besteira que besbelhas
de besteira a carqueija, dos nozelhos
aos cotenos de dor insuportável:
reprime a quilofagia dos sol-pores
e pom o amor à venda. Ou vai ao oo.

Germolam as pevides do teu ódio
nos tipos de interesse. Os efeitos
dos afetos desfeitos disfarçados
de inversom mobiliária, quanto queres
polos anos de esforço das tuas sestas
e a desfeita adjetiva imobiliária.
Vai embora, política que mentes
mais que falas. Androlha esbaradiça
como ruas cusquenhas emolientes.
Se buscas argumentos paleolíticos:
fè koupe fè (nunca poderás dizer),

a violência das bombas, os viosbardos,
peçonhentos orgasmos que nom há
túlsi ou huaba que cure e adecente
numha miga, um decénio ou dous decéndios: e_
terno aroma duriano das duríades.
Serenidade jayavarmaniana
a que tinhas e perdes nas tuas contas.
Ádh mór, amor que moras nas moreiras!
]Buruu oilgoltschih shig bolloo.{

Androide estupefacto que descendes
dos veraos na solaina com rosários
debulhados na uzeira ante o vulturno.
|| Escoita-me a conversa atrapalhada:
em estupefaciente contorsom
]lambe lambyai com grande leitamento
aos delicados pés do Banteay Srei{
e após anos de vida em comunhom
e divórcio amistoso e consensual*
a mulher nom quer ver-te nunca mais.
Que adicou umha década ao cultivo
do teu amor, e tantos sacrifícios
e renúncias por ti. E o investimento
que réditos lhe trouxo, que produtos
interiores e brutos, rendimentos,
pacai ou cavalinhos de totora?
Exige a mais-valia que lhe toca.

*Consensual, ha ha ha, grande palavra.
No amor nom há consenso. Como pez>

Na sanyi. Ovūn eya vikūṇati.
Qual é o preço do amor, o teu amor,
meu amor, o teu preço, avelainha
caveirosa. Estúpida paciente.
Impronta do cabeiro no fantasma
da razom, moça velha revelhida.
Nom me di o teu interesse.
Dá-me preço,
di-me amor.
Qual é,
qual era?

três palavras confusas, quatro cifras

A cúria, os usurários
governantes e mais economistas,
económicos e cómicos videntes
do caralho,
polícia mata-mata: até quando.
Pra que tanto poder acumulado,
|| quantas vidas vos cumprem pra viver
tanta acumulaçom, tanto excedente;
quantas vidas matáchedes pra serdes
o que sodes. Surdez. Surdimutismo.
Sordidez indecente, transparente.
Por quantas rpm saturadas
de brilho e lentos prontos passaredes
antes de ver-vos estourar de orgulho
nos vossos madzimbabwes.

O matahari brilha para vós
o mesmo que pra nós: privatizemo-lo.
Privemos da mata air
aos sedentos insolventes

que choram sem escárnio, rim com el.
Air mata sem sentido nem valia,
mais-valia sem objeto predicado.
E um rumor ou suspeita bem vos vale
pra afundir um estado ou povo inteiro.
Economia de timba. Aleluia!
¬Ni suferis de tio. Tsara izany!\

A cúria fala baixo, nom lhes ouçam
os segredos e perdam o poder.
Deus é informaçom, e é propriedade,
assi nos aprendérom, deste cura,
do sujo sacerdote, dos que moram
no gigantesco templo construído
co sangue dos obreiros. Diagonais hi_
potéticas no corpo sedentário.
Grande templo é a bolsa, som-che grandes
os segredos que albergam, cifras, números,
curvas, raias, fraçons: dim-nos que temos
que cumprir objetivos, porcentages,
mágicos algarismos que ninguém
discute ¬mnye eto nye intyeryesno\
afundidos na merda como estamos.
Global monoteísmo do deus dólar, in_
tocáveis sacerdotes, jogadores
de póqueres, trileros sem vergonha,
acumuladores

de riquezas criadas polos outros
e as outras ao serviço dos loureiros,
imunes templos
que decidem quem vive e quem nom vive,
que países permitem e quais som sacrificados
nos altares do capitalismo.
*E assi entre nós, que nom se inteirem
que toda a informaçom que manejamos
entre nós e pra nós é puro fume,
que bem podem viver sem os mercados,
sem bolsas nem banqueiros sem governos.
As verdades reveladas sempre fórom
causantes de estupor e gram respeito:
três palavras confusas, quatro cifras,
e aí está a massa torpe, enfurecida,
de joelhos de novo aos teus altares.
Só temos que berrar-lhes um chisquinho...>
Os petróglifos pálidos, rosados,
do Wadi Ram. Os pumas transexuados.

Poderosa arma a dos gurus.

A palavra de deus.

o autómato

Se havendo montanhas amarelas
que agacham caveiras baixo as flores
e fermosos regatos onde os cânidas
responsáveis apagam a sua sede:
|| usar os mesmos ossos para a morte
dos carnívoros,
as mesmas águas frescas combustíveis
para os afogamentos depredantes,
seria lícito. Digo. Na metáfora.
*por suposto que nom no caso exposto,
dis tu, a língua implícita no ano:
pros humanos si vale, nom pras bestas:
a consciência fai-nos responsáveis>
¬especismo à inversa, phra khrêuang,
doela sem sofinco\\

Esperto nos SSHH
trás o muro de guizanût institu
cional e corretivo. Os sintagmas
esfianham os semas e os semáforos.

Só tu e mais eu, po ti?,
na kepiana decadência.
Bechos, larvas e gorentosas farras
enreixadas em rolhas enrelhadas
num traspés vaticano. Come nshima
e cala, camarada. Nom eludas
a tua responsabilidade, nom
me venhas com coiros carniceiros.
Adeus ao chárqui
¬ez berche me\
e ao dianho as normas, estatutos
e consensos sociais. Grrr! Soprem ventos
infantis nos diafragmas pupilares
e recolham em orde a sorvalhada
roborante. Venha o experto.

O home é essencial: chegado ao passo
de peons avermelhados, pokkidjiga,
para o passo e detém-se tam magnânimo
à espera que o robot se ponha em verde. Ad_
mirável cidadao, orgulho cívico!
|| O caso é que o semáforo
nom funciona ao serviço do paisano:
Mira a um lado, mira ao outro,
escoita atentamente e nom há tráfico
que interrompa o desértico serám.
É o home impecável que se pom

ao serviço da norma, atrapado
nas suas cores e sintagmas. Kshmisi.
Rules are rules. Normas, leis, comportamentos
feitas som para a gente e a convivência.
Mas nom para a persoa, enguedelhada
como está na sua inutilidade.
Normativa hipertrofia, hipotalássica
conjugaçom ouarzazatiana.
Senhor avermelhado em Lapataia:
roedores do Shri Karni Mata:
a norma é ao seu serviço e nom me venha
com obrigas e causas vice-versas.
—Nom leis para as persoas senom gente
para cumprir as leis é o que cumpre!/

...desleigado.

desde os penedos de malindidzimu

Ó másí nom me quedam
palavras nem dinheiros que lixar:
Aqui remato a canal
izaçom através das omoplatas
dumha cançom mo lam.

Há que ir indo pra poubea.
Quem quer pôr-se baixo os banzos
das minhas andas retóricas.
Pousa, pousa! Saca o nhekwe,
chimonera, madhiriora ou tagarnina,
dem aviso às mennonitas
viúvas de Filadélfia:
o kulowakufa espera.

O esterno externo canaliza
filigranas de pedra de saywite:
flua a economia pola canle
recém inaugurada. À metrópole
construtora e benfeitora

desagrada-lhe superlativamente
¬vai frio, vistam chulhos
coloridos como ko læ\
a sua expropriaçom: nacionalizem
e terám guerra. || Fagam guerra
e terám revoluçom: canle cortada,
tráfico detido, mercadeos
à espera dum acordo. O acordo chega.

<Desde os penedos de Malindidzimu,
entre arcos-da-velha e lagartos rinocéfalos,
custa entender noçons colonialistas.\\
Calhaus acugulados de moxenas
beliscam inquietudes no belvis.

E despois, o canal já nacional,
o povo nom atura mais governos
benfeitores (privatizadores).
Quem caminha mantendo a vertical
por mares mortos e por lagos retbas?
*porcentages revolucionárias,
permanentes enchentas microzoárias,
micçom escaiolada, lagareiros>
Cousa fam? O canal é ocupado,
cortam tráficos, mercados, traficantes,
à espera dum acordo que nom chega:
o licor de tarântula intoxica

as horas semidiurnas da garuda:
o governo é quem vela os interesses
de empresas estrangeiras. Nom tolera
(mandadinho que é, estarrecente)
violências nos comportamentos
e envia o exército a ocupar o passo:
declaraçom de guerra ao próprio povo, à
própria cidadania. Tudo vale
para que o dinheiro flua.

Razbra shto rekov?
Mēs tagad aizajam. Bayartai.

]tudo vale
mentres flua o capital{

a cor da tua surpresa nom cotiza

A cor da tua surpresa nom cotiza
mais ou menos que o quando dum despois.
A batea navega entre gramíneas
que perguntam Yêti kus chu aphsar?
Nalgures chovem métodos metálicos
inodoros e febles de opinions.
Conjugue verbos secos e ardentia à
sombra dum sabugueiro climatérico.
A febra entre os chavelhos e os carimbos
contempla vinde aqui que pouco tempo!
Encha-me o olho de ideas pneumatóforas
e verá como bruam urros xordos
variegados, caçados. Extermínios.

A rabaceira das inconsistências
amarga coma jairos. Jaculemos
jaculatórias mortas e raivosas
e rabudas. É noite. Utzi pakean.
O caçador interna-se no páramo
do vayavya desértico na busca

dum deus misericorde e miserável
que o unja sacerdote ou bem deus mesmo
baixo as apertas sépticas carnívoras
*tumefactos testículos> das nuves.

Tsi tsalagi, di o alacrám,
entre os pés que caminham desolados.
Vive, ama, loita. Mas nom por ti.
Você que é vegetariano, preo_
cupado polo bem dos animais:
nom lhe ocupa o bem do ser humano?
Pois verá... ¬obviamente dtay\
Fernando pisa o piso carvalheiro,
folhas secas. Tirada Ana da mao
o home esmaga intenso cogumelo
de rechamantes cores comunistas:
precauçom, disque dixo; por se acaso.
Meta medo a marteladas: a testa
é pirómaca e prende a cada golpe.
Convertam-se a morte e mais os mortos
e as mortas em incêndio inextinguível,
incessante incensário. Pobre Ana
que normaliza o espanto. Espantalho.

E no entanto
*censurem-me a cordura>
o Paco estruma o páramo de morte

comestível e nom. Tanto cadáver
cada vez que se vem para se verem.
O escorpiom —taung pan par tal/
deixa ver-se no reino que domina
e o caçador esmaga-o e aniquila-o,
espachurra-o sem medo nem conciência
por se acaso, por séptica cautela
no sétimo descanso de setubro.
Que pecado o do aracnídeo
inocente na intençom
mais alá de existir? Eis o pecado!
Nom o ato: o ser é o pecado.
A carga de veneno é o delito.
A existência é o ato delitivo.
Melhor exterminar que educar
nos usos e costumes animais:
morra o cam, para que curar a raiva!

|| Perdoem o delirium. Estou canso.
Bukatu dut. Fa'afetai. Nimitsittas.

vim mais do que esperava

|| A martinha tarteira um onze esse
deixou ver e de ver o que devia.
A libido libérrima espalha-se
para conter a morte.

Nom te sinto: quem fala?
O poder do uniforme que uniforma.
Desde que vímbios queres que me enroque
debulhando revoltas, pedicuras
e estadulhos pretéritos?
Bebe a lengana e cala.

Delgado como assobio, abesouro in_
oculado ¬churchkhela\ na entreperna.
As pausas no teu discurso delatam
o teu pensamento. Loita de classes
nas frieiras. Acupuntura da chuva.
A minha dor sem argumento. Əsaslı
rios de pedra, pontes loucas
à sombra dumha agulha. Čakčamánnu.

Por que eu? di a vítima. O verdugo:
Por que nom tu? A gente mata —e por que,
por que o fam? Porque podem. Quando podem/.
Soldadinhos com chumbo amam no templo,
rezam kvira aos seus deuses, os fuzis
carregados de céus e paraísos.
Que por muito que corras o sol sai
à sua hora, por muito que demorem
a lua nom engana nos horários.
Que bonito que é o mundo por variado mas
que tristeza a dos uniformados.

Se vedes um soldado ante o altar
correde a recolher a remolacha. Se os
exércitos se formam nas igrejas
cortade armas, amor, destruíde templos, fun_
dide sinos, tombade minaretes,
enterrade esvásticas, gaacheret!

E os granados da Abkházia
competem polas lapas do Yanar Dağ
quando o urgente assulaga o importante.
Que hipócrita o ator, a intolerância
subterrânea nos beiços sorridentes. Os
sintagmas fagocitam intempéries
e o estrume dos afetos
apodrece na gávia da política

ante um deus teu privatizado. Merco
açons polos juros prometidos. E a
carreta de cavalos cruza o rio
Enguri que já é Ingur antes do alto.
Como gostas de escoitar a chuva
desde o refúgio do leito.
Mas o prazer nom é no som da água
senom no telhado que te protege.
As cadeas molestam, bem é certo,
mas o jantar diário e abundante...!
E o estadista, que importância!,
que aspira a ser estátua, pobre home,
anônimo depósito de guano.

Quando é a patronal a que convoca
folgas gerais e paro empresarial
algo bem deve de estar a fazer
o governo.
Um obreiro sem pátria, mas com língua.
Umha obreira que fala, e fala língua
particular e própria, e tem raízes
e cultura e música diversa.
Quando o idioma é proibido um se decata
da importância de falá-lo.
Sabes a mar, di el, lambendo o corpo.
Sei amar, é a resposta suarenta.
Dormir em terra alhea umha história

contada noutra língua *che che che>.
Espertar com voz própria *ha ha ha>.

Vejo Ararat, tam perto,
e nom poder vivê-lo.
Mas tamém vejo Ağdam fantasmal.*
E é tanto o que o home odia a mulher
por tê-lo abandonado.]Ara ara{
Mas acaso nom lembras as apertas,
os amores, os êxtases,]ho ho{
as décadas de paz, felicidade,
que che proporcionou? Só fica ódio?
*Vejo Jerusalém, Sabra e Chatila>

Vim mais do que esperava
ver.
Som um saco de ódio contra a gente mas
que ternura me inspiram as persoas

¬prosopagnosia

janela no muro	1
este contrato que me esmorcela as unhas	4
pouco importa o exílio	9
que tantos nem tampoucos	13
natureza	16
memória	19
eu nom som eu	22
ninguém sabe	25
distância crítica	29
o circo	31
afám de perfeiçom	35
tu que nunca fas nada	37
por este rio acima	40
as três sílabas do medo	42
o traidor e o herói	46
obediência devida	48
orgulho racial	51
os hábitos de deus	53
a rapariga que morre pra estar morta	57

quanto gostas dos gatos 60
arde o codesso 63
retalhos de ao dai 65
rolindes 68
dous tempos 70
nom me assombrem revoltas 73
se pós a pota ao lume 75
os vermes de mopane 78
o xurro em olho próprio 80
as leis do mercado 84
vendo preços alugo informaçom 87
assi mesmo cho conto 91
estupendo quilógnato animal 94
três palavras confusas, quatro cifras 98
o autómato 101
desde os penedos de malindidzimu 105
a cor da tua surpresa nom cotiza 108
vim mais do que esperava 112

15-18
12
120
140
A.
8-2